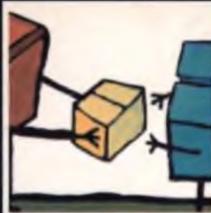


40
ano
UnB à frente



Lauro Morhy
organizador geral

Brasil em Questão

A Universidade e a
Eleição Presidencial



EDITORA

UnB

Ao completar suas primeiras quatro décadas de existência, a Universidade de Brasília (UnB) apresenta à sociedade *Brasil em Questão: a Universidade e a Eleição Presidencial*, coletânea de artigos que pode ser definida como verdadeira imersão na realidade histórica, cultural, política e socioeconômica brasileira.

Esta obra é resultado dos debates desenvolvidos no âmbito do *Fórum Brasil em Questão*, rico e promissor diálogo orientado por um esforço de busca e superação de nossos desafios. Instalado em fevereiro de 2002, o *Fórum Brasil em Questão* trouxe, à UnB, durante cinco meses, 41 especialistas das mais diversas áreas para apresentarem e discutirem suas visões sobre temas estratégicos para o País

Brasil **em Questão**

**A Universidade e a
Eleição Presidencial**

Fernando Henrique Cardoso

Presidente da República

Paulo Renato Souza

Ministro da Educação

Francisco César de Sá Barreto

Secretário de Educação Superior

FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

Conselho Diretor

Lauro Morhy – Presidente

Antônio C. de Matos Paiva

Carlos Alberto Rodrigues da Cunha

Carolina Martuscelli Bori

Flávio Rabelo Versiani

Inocência Mártires Coelho

Gileno Fernandes Marcelino

Jacques Rocha Velloso

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

Reitor: *Lauro Morhy*

Vice-Reitor: *Timothy Martin Mulholland*

Decano de Ensino de Graduação: *Michelangelo Giotto S. Trigueiro*

Decano de Pesquisa e Pós-Graduação: *Noraí Romeu Rocco*

Decana de Extensão: *Dóris Santos de Faria*

Decano de Administração e Finanças: *Érico Paulo Siegmart Weidle*

Decana de Assuntos Comunitários: *Thérèse Hofmann Gatti*

Laboratório de Estudos do Futuro: *Henrique de Sousa Novaes*

Assessoria de Assuntos Internacionais: *José Flávio Sombra Saraiva*

Assessoria de Comunicação: *Rodrigo Caetano*



Brasil em Questão

A Universidade e a Eleição Presidencial

Organizador Geral

Lauro Morhy

Co-organizadores

Marcos Formiga

Regina Marques

Adler Andrade

Tânia Costa

Universidade de Brasília

Laboratório de Estudos do Futuro/Gabinete do Reitor

Editora Universidade de Brasília

2002

Agradecimentos

O trabalho coletivo é, sempre, resultado dos esforços de ponderável número de pessoas que se comprometem por acreditarem no objetivo final proposto. Somos gratos a todos que contribuíram para o êxito do Fórum *Brasil em Questão*.

Em especial, nosso reconhecimento aos palestrantes que ousaram apresentar e discutir questões inquietantes dos nossos dias, e propor caminhos para o Brasil.

Nominalmente, agradecemos ao grupo consultivo do Fórum: Adler Andrade, Amado Cervo, Antônio José Escobar Brussi, Benício Viero Schmidt, Cristovam Buarque, Dércio Munhoz, Dóris Faria, Érico Paulo Siegmur Weidle, Flávio Rabelo Versiani, Henrique de Sousa Novaes, Jacques Velloso, José Flávio Sombra Saraiva, José Geraldo de Sousa Júnior, Lúcia Mercedes de Avelar, Marcel Burstyn, Marcos Formiga, Michelângelo Giotto S. Trigueiro, Noraí Romeu Rocco, Pedro Tauil, Regina Marques, Rodrigo Caetano, Sophia Wainer, Tânia Costa, Thérèse Hofmann Gatti, Timothy Martin Mulholland, Vamireh Chacon, Viviane Coutinho Sabino.

Expressamos nossa gratidão aos colaboradores da Universidade de Brasília que ofereceram relevante apoio, sem o qual não teria sido possível a realização do Fórum *Brasil em Questão* e a publicação deste livro – especialmente Decanato de Ensino de Graduação; Decanato de Extensão; Decanato de Assuntos Comunitários; Departamento de Música/IDA; Cerimonial; Prefeitura do Câmpus; Assessoria de Comunicação; Assessoria de Assuntos Internacionais;

Centro de Informática; Núcleo de Multimídia e Internet do Departamento de Engenharia Elétrica, CPCE, Gabinete do Reitor, Editora da Universidade. Também agradecemos aos músicos que se apresentaram no início dos debates e à Escola do Futuro da USP.

LAURO MORHY
REITOR DA UNB

Sumário

APRESENTAÇÃO

Lauro Morhy 11

ABERTURA DO FÓRUM

Lauro Morhy 15

29 de fevereiro BRASILIDADE

Roberto Freire 21

Artur da Távola 31

Aspásia Camargo 37

Vamireh Chacon 47

10 de março BRASIL NO MUNDO

Samuel Pinheiro Guimarães 53

Oliveiros Ferreira 63

Amado Cervo 75

20 de março POLÍTICAS DE DISTRIBUIÇÃO DE RENDA

Márcio Pochman 85

André Urani 97

Cristovam Buarque 107

3 de abril A INFRA-ESTRUTURA NACIONAL

Yeda Crusius 119

Luiz Pinguelli Rosa 129

Décio Munhoz 139

10 de abril SAÚDE E SANEAMENTO BÁSICO

Sergio Arouca 155

Marcos Helano Montenegro 167

Sebastião Viana 177

Pedro Tauil 185

17 de abril EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA

Roberto Vermulm 197

Sergio Rezende 207

João Batista de Oliveira 217

Lauro Morhy 231

24 de abril CIDADANIA, EXCLUSÃO SOCIAL
E VIOLÊNCIA

Guilherme de Almeida 239

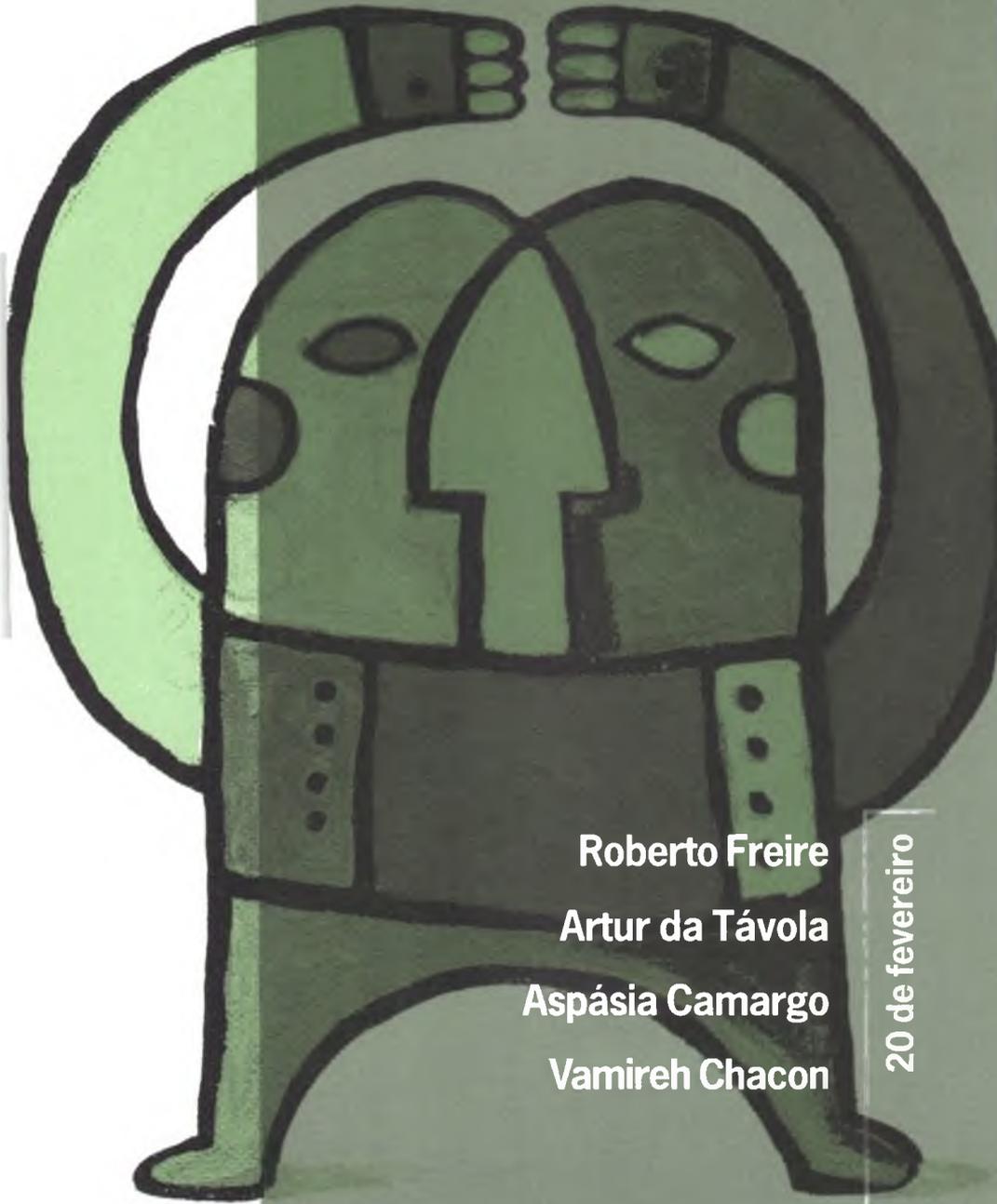
Sueli Carneiro 245

Luiz Mott 253

Dóris Faria 261

5 de junho	A DIVERSIDADE REGIONAL BRASILEIRA	
	Armando Mendes	275
	Maria Adélia de Souza	283
	Eduardo Suplicy	295
	Cristina Mac Dowell	307
	Marcos Formiga	321
19 de junho	MEIO AMBIENTE, DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL, AMAZÔNIA	
	Washington Novaes	351
	Marina Silva	361
	Edna Ramos Castro	371
	Marcel Burstyn	379
3 de julho	REFORMAS ESTRUTURAIS PARA O PAÍS	
	Ricardo Varsano	391
	Wilson Cano	405
	Vinícius Carvalho Pinheiro	433
	José Geraldo	447
17 de julho	A UNIVERSIDADE BRASILEIRA	
	Helgio Trindade	459
	Edson Franco	475
	Jacques Velloso	485
	Lauro Morhy	499

Brasilidade



Roberto Freire
Artur da Távola
Aspásia Camargo
Vamireh Chacon

20 de fevereiro

Do México ao Japão: Brasil e Brasilidade

Artur da Távola

Em 1970, o Brasil foi campeão mundial de futebol. Cantava-se “noventa milhões em ação, pra frente Brasil do meu coração” e o Brasil inteiro cantou essa canção. Estávamos na ditadura.

Hoje somos 170 milhões: crescemos mais de cem por cento. Aqueles que viveram no Brasil das décadas de 1960 e 1970 sabem como este País mudou e o que aconteceu, em largas linhas, nesse período, concomitantemente a um crescimento populacional da ordem de 80 milhões de pessoas.

Nesse período, o mundo vivia a Guerra Fria. E o que foi a Guerra Fria? Um período de estupidez da humanidade. Promoveu-se a Guerra no Vietnã. Eliminaram-se gerações inteiras de classes políticas em países como o Brasil, a Argentina, o Chile, o Uruguai, entre outros. Emergiram, ainda, os conflitos no Oriente Médio.

Qual era a ideologia prevalecente? Era a seguinte: a Terceira Guerra Mundial é inevitável, os países têm de se alinhar com uma tendência. Essa foi uma tese defendida pelos EUA. Com ela, os EUA interferiram diretamente na queda do governo João Goulart e

Artur da Távola é Senador da República pelo PSDB-RJ. Bacharel em Direito pela Pontifícia Universidade Católica (PUC) do Rio de Janeiro em 1959. Dedicou-se, também, às atividades de jornalista, radialista, escritor e professor. É escritor e produtor de programas musicais da rádio MEC e da Senado. Ex-deputado estadual pela Guanabara (1962) e exilado político na Bolívia e no Chile. Ex-deputado federal pelo PMDB-RJ. Fundador do PSDB em 1988.

na implantação, nos anos 60, da ditadura militar que se prolongou no Brasil até o início da década de 1980 – concentrando enormes e incomensuráveis poderes e deveres nas mãos do Estado.

O que mais acontecia no Brasil? Incentivou-se, por meio da ditadura, uma política perversa de concentração de renda. O Brasil é hoje um dos países com maior concentração de renda em todo o Planeta, tendo ultrapassado a etapa em que o próprio capitalismo a concentra para se expandir.

O que mais aconteceu no Brasil nessa época? Houve um processo avassalador de urbanização e crescimento. O Brasil, que era um país essencialmente agrário, em apenas trinta anos passa a ser urbano. Ocorreu, portanto, uma transformação profunda. Nas cidades, por exemplo, houve uma excessiva e explosiva concentração urbana, caracterizada pela falta de emprego, condições de educação, saúde e saneamento básico para seus habitantes.

Esse crescimento desordenado contribuiu para o surgimento da crise do Estado no Brasil. O poder público, por não ter capacidade de organização e aglutinação, entrou em falência, perdeu a capacidade de investimentos, deixou de ter recursos até para prover as necessidades básicas na área da educação, saúde, segurança. Até hoje sofremos o efeito desse processo.

O crescimento da concentração de renda e o processo acelerado de urbanização foram acompanhados pela ausência de reforma agrária – uma das causas do êxodo do campo –, ampliando, assim, a crise do Estado, caracterizada pela falência do poder público.

Qual é a tradução dessa falência no âmbito da esfera pública – este que é um conceito de direito comercial? Afinal, uma empresa quando vai à falência, fecha e salda, ou não as suas dívidas com os credores. Um país não fecha, o nome da falência é dívida: são a dívida interna e a externa, as quais o Brasil vem administrando nos últimos anos e que ainda são um peso para o dinamismo da própria

sociedade brasileira.

Há um outro ponto fundamental. Nesses trinta anos, deu-se a entrada da cultura de massas na sociedade brasileira – o grande aniversário da diversidade cultural prodigiosa deste País.

A cultura de massas é responsável por uma ideologia, por uma pasteurização dos modelos de conhecimento. Precisa operar pela simplificação ou por sínteses pouco expressivas. A cultura de massas passou a ter um predomínio absoluto na vida brasileira, praticamente em todos os segmentos, incluindo no Congresso: antigamente, era o Congresso que pautava a mídia; hoje é a mídia que pauta o Congresso.

Operante, a cultura de massas construiu uma verdadeira muralha chinesa, um verdadeiro bloqueio a tudo aquilo que foi objeto da **Brasilidade**. Naturalmente, não podemos ser fechados ao que é do mundo. Ao contrário. Mas não podemos deixar de ter contato com este País, que cria e produz diversidade e riqueza culturais.

Como dizia Gramsci, a cultura de produção do centro impõe às regiões mais longínquas comportamentos e hábitos que vão, de alguma maneira, diluindo as estruturas naturais. Esse processo, contudo, não pode ser onipotente, porque o que é profundo em um povo não pode ser retirado.

A cultura de massas tem o poder de eliminar uma série de elementos fundamentais para o desenvolvimento de uma sociedade autônoma. A capacidade de reflexão, por exemplo, desapareceu da vida brasileira. A universidade, nesse contexto, é um recanto de reflexão, isolado e triste, que vê barradas as possibilidades de democratização de seu próprio pensamento.

A cultura de massas fez desaparecer, ainda, alguns valores essenciais de comportamento, ligados à ética e à estética. Houve uma padronização do valor estético. Chegamos ao máximo dessa contemplação ao ver grande sucesso dos atuais progra-

mas de TV, denominados reality show. Que realidade?! Esta é uma visão de mundo que está colocada a serviço do consumismo: uma visão de mundo de erotismo barato, sem valor, orientada por padrões estranhos à nossa cultura.

Além disso, a sociedade de consumo tornou-se o paradigma do desenvolvimento. Hoje, o consumo é a ideologia exclusiva do desenvolvimento, diferente do que ocorria em 1964, quando o nacionalismo a ela estava associado. Isso define uma série de comportamentos da vida brasileira.

Outros temas foram incorporados, nesse período, à agenda brasileira: a comunicação por satélite, que globalizou o mundo; o mercado financeiro on-line e internacional, que pode determinar quedas econômicas de países, criando, em 24 horas, crises agudas para as soberanias nacionais.

No entanto, houve, nesse período, escassas iniciativas no campo social.

Ao fazer esse diagnóstico simplificado da realidade do País, verifica-se que os processos não se dão de acordo com as nossas vontades, ideologias ou visão de mundo. A nossa ideologia, por exemplo, é uma visão de dentro para fora. A realidade, contudo, expande-se de fora para dentro. E essa realidade precisa ser mais bem estudada também dentro da Universidade.

Dessa forma, podemos indicar os três grandes problemas do Brasil: a inflação, a crise do Estado e a miséria. A inflação foi combatida. A crise do Estado, graças à colaboração do Congresso, foi enfrentada por meio da reforma administrativa, do ajuste e das leis de responsabilidade fiscal, bem como por vários outros mecanismos dessa ordem.

Felizmente, o Brasil está abandonando a idéia do Estado máximo e não está entrando na idéia do Estado mínimo itinerante, mas, sim, na idéia do Estado socialmente necessário (expressão de

Noberto Bobbio), ou seja: nem o Estado mínimo dos liberais, nem o Estado máximo dos totalitários. Vale dizer que esse Estado não é **factor**, mas intermediador das relações sociais. Essa é uma transformação profunda, pela qual o Brasil está passando, embora seja, muitas vezes, difícil de ser aceita, já que a velha idéia do Estado paternalista permanece na sociedade brasileira.

Se há milagre brasileiro, este refere-se ao fato de o País não se ter fragmentado ao longo do seu processo histórico. O Brasil, pelo contrário, criou uma identidade comum. A identidade cultural é a marca deste País de três raças, deste País que não se fechou à colonização de vários outros povos; deste País que conseguiu uma unidade que não se desfez. “Quem faz a cultura é o povo e, portanto, a nação.” O termo nacionalidade compõe-se de regiões, mas não se divide a unidade da diversidade. Esse é um dos conceitos mais modernos de cultura.

Essa identidade comum é vivida, muitas vezes, em torno de momentos como a eleição presidencial de 2002, ou em torno de momentos esportivos como uma Copa do Mundo. De todo modo, o Brasil é um País que tem, efetivamente, um espírito próprio, uma unidade. É um país orgulhosamente mestiço, onde há pluralidade dentro da identidade da língua, do idioma e dos objetivos comuns que somos capazes de construir. Esse é o sentido da **brasilidade** que devemos buscar.

Impressão e Acabamento:



SIA TRECHO 3 LOTE N° 1760

Fone: (0xx61) 362-0008 / Fax: (61) 362-7476

e-mail: quick@gns.com.br

contemporâneo.

As discussões ali realizadas certamente não esgotaram a complexidade dos temas. Contudo, como lembra o reitor Lauro Morhy, *Brasil em Questão* “é um meio e, não, um fim. É um bom começo para despertar outras consciências, mentes e corações, pensando e pulsando Brasil”. É desse debate que o leitor é convidado a participar.

Com a publicação, em 2002, de *Brasil em Questão: a Universidade e a Eleição Presidencial*, a UnB cumpre, mais uma vez, seu compromisso histórico de contribuir para a reflexão sobre as alternativas e projetos para o nosso País.

BRASILIDADE • Roberto Freire • Artur da Távola • Aspásia Camargo • Vamireh Chacon • **BRASIL NO MUNDO** • Samuel Pinheiro Guimarães • Oliveiros Ferreira • Amado Cervo • **POLÍTICAS DE DISTRIBUIÇÃO DE RENDA** • Márcio Pochman • André Urani • Cristovam Buarque • **A INFRA-ESTRUTURA NACIONAL** • Yeda Crusius • Luiz Pinguelli Rosa • Dércio Munhoz • **SAÚDE E SANEAMENTO BÁSICO** • Sergio Arouca • Marcos Helano Montenegro • Sebastião Viana • Pedro Tauil • **EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA** • Roberto Vermulm • Sergio Rezende • João Batista de Oliveira • Lauro Morhy • **CIDADANIA, EXCLUSÃO SOCIAL E VIOLÊNCIA** • Guilherme de Almeida • Sueli Carneiro • Luiz Mott • Dóris Faria • **A DIVERSIDADE REGIONAL BRASILEIRA** • Armando Mendes • Maria Adélia de Souza • Eduardo Suplicy • Cristina Mac Dowell • Marcos Formiga • **MEIO AMBIENTE, DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL, AMAZÔNIA** • Washington Novaes • Marina Silva • Edna Ramos Castro • Marcel Burstyn • **REFORMAS ESTRUTURAIS PARA O PAÍS** • Ricardo Varsano • Wilson Cano • Vinícius Carvalho Pinheiro • José Geraldo de Sousa Júnior • **A UNIVERSIDADE BRASILEIRA** • Helgio Trindade • Édson Franco • Jacques Velloso • Lauro Morhy